

Pêcheux e Lênin: um encontro com o materialismo histórico-dialético

Pêcheux and Lenin: an encounter with dialectical-historical materialism

Helson Flávio da Silva Sobrinho

Universidade Federal de Alagoas

Helson Flávio da Silva Sobrinho é professor e pesquisador da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Doutor em Linguística na área de Análise do Discurso (AD) pela Ufal e pós-doutor em Linguística pela Unicamp. Atua na graduação em Letras e no Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLL-Ufal) e, também, no Profletras. Desenvolve estudos sobre discurso, sujeito, história, ideologia e materialismo histórico. É vice-líder do Grupo de Pesquisa Discurso e Ontologia (Gedon). É autor do livro *Discurso, velhice e classes sociais*. Possui também publicações de capítulos de livros e artigos em diversas revistas especializadas na área de Linguística e Análise do Discurso. <https://orcid.org/0000-0002-8959-3134> E-mail: helsonf@gmail.com

Recebido em:
01/12/2022

Aceito em:
05/06/2023

MAI / JUL 2023
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 413-431

RESUMO

Neste artigo, realizamos uma leitura da obra de Michel Pêcheux buscando, em seus textos, vestígios da presença de Lênin. O objetivo é refletir sobre a perspectiva filosófica, metodológica e política do materialismo histórico-dialético. Em nossos estudos, compreendemos que Pêcheux se inspirou na obra de Lênin, *Materialismo e Empiriocriticismo*, tanto para criticar o idealismo presente na Linguística e na Filosofia da linguagem quanto para desenvolver teses que fundamentarão a Teoria materialista do discurso no tocante à ciência e à ideologia, aos processos discursivos e à prática política revolucionária do proletariado. Nossa conclusão ressalta a importância dos fundamentos materialistas na Análise do Discurso, para, ao assumir essa posição filosófica e política, compreender o funcionamento do discurso visando, sobretudo, à crítica radical à sociedade capitalista.

PALAVRAS-CHAVE

Pêcheux. Lênin. Materialismo histórico-dialético.

ABSTRACT

In this article, we carry out a reading of Michel Pêcheux's work, seeking traces of Lenin's presence in his texts. The objective is to reflect on the philosophical, methodological and political perspective of historical-dialectical materialism. In our studies, we understand that Pêcheux was inspired by Lenin's work *Materialism and Empiriocriticism* both to criticize the idealism present in Linguistics and the Philosophy of Language and to develop theses that will support the materialist theory of discourse regarding science and ideology, the discursive processes and the revolutionary political practice of the proletariat. Our conclusion emphasizes the importance of materialist foundations in Discourse Analysis, so that, by assuming this philosophical and political position, we are able to understand the way the discourse functions, whereas we aim, above all, at the radical critique of capitalist society.

KEYWORDS

Pêcheux. Lenin. Historical-dialectical materialism.

1. Iniciando: “a língua sempre vai onde o dente dói”

“A língua sempre vai onde o dente dói”, diz Lênin, para expressar que o retorno incessante a uma questão que incomoda indica que ‘há alguma coisa por trás’, confirmando a não-resolução da questão”. (PÊCHEUX, 1988a, p. 87)

O despertar para a escrita deste artigo teve origem na busca por compreender a perspectiva filosófica, metodológica e política do materialismo histórico-dialético na Análise do Discurso produzida por Michel Pêcheux. Em nossa retomada do livro *Semântica e Discurso*¹, detivemo-nos, de modo mais atento, na presença de Lênin ali inscrita. Isso nos produziu várias inquietações e, como essas não cessaram, resolvemos problematizá-las.

No início de nosso estudo assumimos a compreensão de que Pêcheux era marxista-leninista. No entanto, fomos tomados pela dúvida que nos fez indagar se seria essa a principal questão a ser problematizada, ou seja, responder à pergunta se era Pêcheux um marxista-leninista ou não. Depois de algumas reflexões, resolvemos colocá-la em suspenso, chegamos até a abandoná-la, pois não parecia ser este o ponto mais relevante: “enquadrar” Pêcheux numa determinada perspectiva do marxismo.

Resolvemos, então, primeiramente, desenvolver uma reflexão sobre os traços materiais (textual-discursivos) da presença de Lênin nos textos de Pêcheux, para, só em seguida, refletir sobre os desdobramentos teórico-metodológicos e políticos dessa presença na Análise do Discurso de perspectiva materialista. Por isso, em vez de começar pela afirmativa, ou mesmo, interrogativa: “Michel Pêcheux é um marxista-leninista (!?)”, optamos por considerá-lo um leitor atento à prática filosófica, metodológica e política de Lênin.

Dizer que Pêcheux foi um leitor de Lênin certamente trará determinadas consequências. Por isso, é preciso esclarecer que compreendemos a leitura e o leitor em sua radical historicidade em condições materiais e ideológicas de reprodução/transformação numa determinada formação social. Nessa perspectiva, texto e sujeito, sentido e história estão dialeticamente imbricados. É que nenhum sujeito sai incólume após realizar uma determinada leitura, pois sempre algo o afeta e produz sentidos que podem orientar suas práticas.

Dito isso, é preciso alertar que vamos trabalhar na relação entre Pêcheux e Lênin a partir de apontamentos que revelam onde Lênin é convocado de modo mais explícito nos textos de Pêcheux, pois temos como hipótese que tanto a prática teórico-metodológica como a prática política de Lênin fundamentam a tessitura do livro *Semântica e Discurso* e firmam a produção e o avanço da Teoria do discurso à luz do materialismo.

O que dissemos até o momento nos faz retomar o que Pêcheux, citando Lênin, afirmou: “a língua sempre vai onde o dente dói”. Essa metáfora é citada em *Semântica e Discurso* a partir do livro *Materialismo e Empiriocri-*

ticismo, de Lênin. Essa menção não consta desse modo na tradução do livro de Lênin a que tivemos acesso, pois nela aparece: “cada um fala daquilo que lhe dói!”². Encontramos no site *Marxists.org*: “A língua bate no dente que dói”³. Em seguida, na tradução em língua espanhola: *¡Habla el enfermo de lo que le duele!*⁴. E, mais precisamente, no texto em francês: *La langue va où la dent fait mal!*⁵

Esse gesto metafórico de dizer que a língua vai/bate onde o dente dói permite abrir um leque de questões que tocam fortemente em objetos paradoxais que nos são, ao mesmo tempo, estranhos e familiares, a saber: língua, discurso, sentido, ciência, ideologia, história, Estado, partido, política, burguesia, proletariado, capitalismo, socialismo, comunismo, revolução. Desse modo, questões polêmicas se inscrevem no texto de Pêcheux não apenas como paixão, mas, sobretudo, como compromisso e desafio científico e político.

2. A presença de Lênin na obra de pêcheux

Lênin (1870-1924), cujo nome era Vladimir Ilitch Uliánov, foi um grande teórico e líder político revolucionário do século XX. Principal dirigente da Revolução Russa de outubro de 1917; escreveu uma vasta obra filosófica, metodológica e política fundamentada no materialismo histórico e dialético de Marx e Engels. Avançou, em especial, na compreensão do imperialismo como uma fase superior do capitalismo.

Fernandes (2012), assim destaca a importância de Lênin:

Ele [Lênin] não só se tornou o mentor de uma corrente do marxismo – aliás, a única que produziu ou alimentou as revoluções do século XX – dentro e fora da Rússia, em suas diferentes etapas e, em particular, o seu autêntico “homem político” na fase decisiva – como intérprete da história; como encarnação sublimada da vontade revolucionária do proletariado e de outros setores do povo russo; e como verdadeiro artífice da vitória, nos momentos difíceis da tomada de poder e da construção das estratégias vinculadas à destruição da ordem burguesa, à consolidação do Estado proletário e à transição gradual para o socialismo sob a hegemonia do poder soviético – bem como o inspirador da rearticulação do internacionalismo socialista como movimento mundial. (FERNANDES, 2012, p. 221).

Da vasta obra de Lênin, Pêcheux cita explicitamente em suas referências bibliográficas os seguintes textos:

*Matérialisme et empiriocriticisme*⁶ (1908): referência citada em *Semântica e Discurso*, mas também em *A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso*;

2 Estamos nos referindo à versão da editora Estampa, de Lisboa.

3 <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1909/empiro/02.htm>

4 <https://www.marxists.org/espanol/lenin/obras/1908/mye/index.htm>

5 <https://www.marxists.org/francais/lenin/works/1908/09/vil19080900f.htm>

6 Materialismo e Empiriocriticismo.

*Explication de la loi sur les amendes*⁷ (1895): referência citada em *Semântica e Discurso*;

*A propos de la brochure de Junius*⁸ (1916): referência citada em *Semântica e Discurso*;
*Bilan d'une discussion sur le droit des nations à disposer d'elles-mêmes*⁹ (1916): referência citada em *Semântica e Discurso*;

*Feuillets du bloc-note de 1923*¹⁰: referência citada no livro *A língua inatingível*;

*Das Agrarprogramm der Sozialdemokratie in der ersten russischen Revolution 1905-1907*¹¹ (1907): referência citada no artigo *Ideologia – aprisionamento ou campo paradoxal?*

Quando dizemos citada “explicitamente”, ou seja, uma heterogeneidade mostrada¹², estamos informando que Lênin consta nas referências bibliográficas de alguns textos de Pêcheux. Chamamos atenção a isso porque também podemos localizar a presença de Lênin no corpo do texto, ou em notas de rodapé, mas não encontrá-la nas referências. Isso pode acontecer porque existem textos de Pêcheux que não possuem o item bibliografia, mas também podemos pressupor que há um determinado conhecimento difuso da obra de Lênin, o que, de certo modo, autoriza Pêcheux a não necessariamente apresentá-lo nas referências.

Listamos a seguir os artigos de Pêcheux que citam Lênin e/ou o marxismo-leninismo, seja através de menções no corpo do texto, seja por meio de notas de fim de página, mas, em geral, aparecem sem indicações sobre a qual texto de Lênin exatamente se faz referência¹³: *Língua, linguagens, discurso* (1971); *Entrevista com Pêcheux, por Henri Deluy* (1973)¹⁴; *Posição sindical e tomada de partido nas ciências humanas e sociais* (1976); *Linguística e Marxismo: Formações ideológicas, Aparelhos Ideológicos de Estado, Formações discursivas* (1976)¹⁵; *Remontemos de Foucault a Spinoza* (1977)¹⁶; *Há uma via para a Linguística fora do logicismo e do sociologismo?* (1977); *Foi ‘propaganda’ mesmo que você disse?* (1979); *Delimitações, inversões, deslocamentos* (1982)¹⁷; *O Discurso: estrutura ou acontecimento* (1983); *Ousar pensar e ousar*

7 *Explicação da Lei sobre multas imposta aos operários de fábrica.*

8 *Acerca da brochura de Junius.*

9 *Balanco de uma discussão sobre o direito das nações à autodeterminação.*

10 *Páginas do diário, 2 de janeiro de 1923.*

11 *O Programa Agrário da social-democracia na primeira revolução russa de 1905-1907.*

12 Estamos tomando de empréstimo o conceito de heterogeneidade de Authier-Revuz (1990) como forma de inscrever o outro na sequência por meio do discurso direto, das aspas, das glosas, do discurso indireto livre, da ironia etc.

13 Os textos de Pêcheux listados neste artigo seguem com a data de sua publicação para que o/a leitor/a possa acompanhar o movimento do pensamento desse autor. A maioria está publicada na coletânea de textos selecionados por Eni Orlandi (2011).

14 Publicado em Piovezani & Sargentini (2011).

15 O artigo está no livro *“Encontros na análise de discurso: efeitos de sentidos entre continentes”*, publicado pela Editora da Unicamp, 2019.

16 Publicado no livro *“Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de Formação Discursiva”*, editora Pedro & João, 2011.

17 Revista *Cadernos de Estudos Linguísticos*, nº 19. Em 1990.

se revoltar: Ideologia, marxismo, luta de classes (1984)¹⁸; *A língua inatingível* (1991)¹⁹.

Temos como hipótese que Pêcheux conhecia uma parte da obra de Lênin e citou-a textualmente em seus livros e artigos. Além disso, tinha conhecimento da importância de Lênin como sujeito político, bem como do acontecimento da Revolução Russa, da experiência socialista, da crise imperialista e do movimento comunista internacional. Também estava a par das denúncias dos crimes produzidos no regime stalinista²⁰. Por isso, por vezes, Pêcheux entra em polêmicas e assume determinadas posições nos conflitos históricos, ideológicos, políticos, filosóficos e científicos.

Não podemos perder de vista que outros autores, também leitores de Lênin, aparecem nos textos de Pêcheux, como, por exemplo, Althusser, a partir do texto *Lenine e a filosofia*; Dominique Lecourt, no livro *Une crise et son enjeu: essai sur la position de lenine en philosophie*; e Robert Linhart, no livro *Lênin, os camponeses* e Taylor.

Ainda sobre as pistas da escrita de Pêcheux, encontramos numa nota de rodapé (49), no livro de Maldidier (2003), *A inquietação do discurso: (re) ler Michel Pêcheux hoje*, a seguinte observação:

O interesse de Michel Pêcheux por esta questão remontava muito longe. Ele envia a uma reflexão feita por Paul Henry, desde os inícios dos anos 70, a partir do texto de Lenine sobre a “cultura nacional” (*Escritos sobre a arte e a literatura*, Ed. Du Progrès, Moscou). No centro desta reflexão, o problema teórico posto pela dissimetria entre ideologia dominante e ideologias dominadas. (MALDIDIER, 2003, p. 104).

Nesse primeiro esboço que acabamos de apresentar, constatamos que há leituras de textos de Lênin, há também interlocuções com autores críticos de Lênin, e, sobretudo, há polêmicas referentes às práticas científicas e políticas. No entanto, não poderemos detalhar todas as questões que derivam dessas constatações por conta do espaço deste artigo. Por isso, vamos focar nossa atenção na presença de Lênin no livro *Semântica e Discurso*.

Nossa pesquisa observou que é, sobretudo, em *Semântica e Discurso* que Lênin aparece de modo mais constante. O confronto de Lênin com o idealismo e a sua tomada de posição pelo materialismo histórico e dialético afetam fortemente Pêcheux e o inspiram a fazer avançar a Teoria materialista do discurso a partir da crítica ao idealismo em Linguística e em Filosofia da linguagem, principalmente no que tange à combinação entre Lógica

18 Revista *Décalages*, vol. 1, 2015

19 Esse texto não é o livro *A língua inatingível*. Trata-se de uma entrevista publicada em *Canadian Journal of Political and Social Theory*. Vol. 1. Montreal: Concordia University, 1991. Essa entrevista foi republicada na coletânea de textos de Pêcheux selecionados por Eni Orlandi (2011).

20 Trata-se do período em que Josef Stalin, após a morte de Lênin, esteve no poder na URSS (de 1927 a 1953). Foi um regime totalitário, marcado por perseguição, repressão e assassinato de seus adversários. O Estado soviético se tornou altamente burocratizado e seu poder se achava nas mãos de poucos membros do Partido Comunista. É importante lembrar que Pêcheux começa o livro *Semântica e Discurso* citando Stalin, o XX Congresso do Partido Comunista da URSS, “o socialismo existente”, para em seguida falar dos estudos em Semântica à luz do marxismo, mas principalmente para se distanciar de Marr, Jdanov e Stálin e, sobretudo, de um marxismo “esquerdista” e dogmático.

e Retórica na constituição da Semântica²¹.

A leitura atenta da obra de LÊNIN realizada por Pêcheux sustenta a crítica às concepções de língua e história, ideologia e ciência. A nosso ver, *Semântica e Discurso*, além de ser a obra mais completa e profunda de Pêcheux²², é, fundamentalmente, uma tomada de posição pelo materialismo histórico e dialético para fazer avançar a Análise do Discurso, como cavalo de Troia²³ nas ciências humanas e sociais. É o que veremos a seguir.

3. O materialismo de LÊNIN na tessitura do *Semântica e*

Discurso

Nesta seção, dedicaremos algumas observações necessárias à obra de LÊNIN *Materialismo e Empirio criticismo: novas críticas sobre uma filosofia reacionária*, visando compreender como no livro *Semântica e Discurso* Pêcheux contextualiza a polêmica entre idealismo e materialismo e, sobretudo, analisa como tais posições filosóficas atuam na Linguística e na Filosofia da linguagem.

Em *Materialismo e Empirio criticismo*, publicado em 1909, LÊNIN identifica que havia certa influência no movimento operário russo de determinados teóricos que, da posição idealista subjetivista em filosofia, deturpavam e negavam o materialismo histórico e dialético e, por conseguinte, difundiam ideias burguesas contrárias à prática revolucionária do proletariado²⁴.

No contexto histórico no qual LÊNIN desenvolve sua crítica, havia determinados avanços das ciências da natureza com a descoberta de novos fenômenos e novas questões, especialmente na Física com o elétron, o eletromagnetismo, o éter e a divisibilidade do átomo. Tais descobertas, do modo como, filosoficamente, estavam sendo interpretadas, pareciam comprovar o “desaparecimento” da matéria. No olhar de LÊNIN, isso tinha implicações para o materialismo histórico e dialético, pois parecia produzir o consenso de que o materialismo havia sido liquidado, já que a “matéria desaparecia”. No entanto, LÊNIN ressalta que “a única ‘propriedade’ da matéria, que o materialismo filosófico reconhece, é a de ser uma realidade objetiva, de existir fora da nossa consciência” (LÊNINE, 1975, p. 234).

LÊNIN considera seu livro como uma introdução à filosofia do marxismo. Fundamentado em Marx e Engels, desenvolve os princípios materialistas, cujo caráter ontológico se impõe contra uma concepção teórica do

21 Cf. capítulo 1, de *Semântica e Discurso*, intitulado “Linguística, lógica e filosofia da linguagem”, como também um dos itens neste mesmo capítulo: “Realismo metafísico e empirismo lógico: duas formas de exploração regressiva das ciências pelo idealismo”.

22 “‘Semântica e Discurso’ é o grande livro de Michel Pêcheux. Ele apresenta o estado mais acabado da teoria”. (MALDIDIER, 2003, p. 37). Ou ainda, “uma obra forte de um filósofo inquieto com a linguística” (Idem, p. 44).

23 De certo modo, ele concebeu seu sistema como uma espécie de ‘cavalo de Troia’ destinado a ser introduzido nas ciências sociais para provocar uma reviravolta” (HENRY, 1997, p. 35).

24 Para maior entendimento, sugerimos o artigo de Freire Júnior (1984) e, principalmente, o livro de Sternine (1988) que esclarece com propriedade a obra de LÊNIN *Materialismo e empirio criticismo*

conhecimento de perfil idealista. Nesse sentido, Lênin opõe materialismo e idealismo; explica que a diferença radical entre eles está na relação entre o ser e a consciência, entre o mundo objetivo e o espírito. Para os materialistas, o mundo objetivo (exterior) vem em primeiro lugar e a consciência, em segundo. Ou seja, o mundo material é determinante para seu reflexo na consciência, no pensamento. Já para os idealistas, é o contrário, a consciência em primeiro plano e o mundo objetivo em segundo. Desse modo, para essa última perspectiva, a consciência construiria o mundo a partir das sensações, da ideia, do sujeito, da subjetividade.

No livro de Lênin, a crítica é direcionada, especialmente, a Ernst Mach (1835-1916), importante físico e filósofo austríaco, que considerava o mundo real como um “complexo de sensações”, ou seja, como “representações” do sujeito sobre a matéria. Essa perspectiva implicava tomar a consciência, e não o mundo exterior (material), como primado do conhecimento. Também os trabalhos de Richard Avenarius (1843-1896), filósofo alemão, são analisados; Lênin demonstra que tanto Mach como Avenarius repõem, de uma forma “moderna”, o idealismo com filiação aos trabalhos de George Berkeley, David Hume e Immanuel Kant.

Interessante observar que Lênin escreve de maneira irônica; diz que essas posições filosóficas que estavam “em moda” não passavam de “sofismas”, “alucinações”, “confusão”, “absurdo idealista”. E acrescenta: “A água na terra, a terra na baleia, a baleia na água. Nem os ‘elementos’ de Mach, nem a coordenação e a introjeção de Avenarius eliminam esta confusão; apenas obscurecem, confundem as pistas por meio de uma algaraviada filosófico-científica” (LÊNINE, 1975, p. 79)²⁵.

Para Lênin, alguns teóricos russos que se diziam marxistas, afetados por essa filosofia idealista, reacionária e antidialética, acabaram deformando o materialismo histórico, pois não compreendiam a prática como critério da verdade do conhecimento, não consideravam a primazia da matéria nem a existência objetiva das leis dos fenômenos (causalidade). Assim, caíam no agnosticismo e no relativismo, pois negavam a existência da realidade material, afirmavam a impossibilidade de se chegar ao conhecimento objetivo dos fenômenos e tomavam o mundo exterior como um produto das sensações e representações dos sujeitos expressas no pensamento. Era, portanto, da posição idealista subjetivista que esses estudiosos produziam suas reflexões, uma vez que “querem ser materialistas por cima e não conseguem desfazer-se, por baixo, de um idealismo confuso” (LÊNINE, 1975, p. 297).

Lênin ainda ressalta que as ciências naturais, inscritas numa posição materialista, constatam que a natureza já existia antes do homem com seu cérebro e sua consciência. Diante dessa polêmica, Lênin toma posição pelo materialismo, reafirmando seus princípios fundamentais para explicar que o mundo exterior existe independentemente do pensamento. Ou seja, a realidade objetiva, material, o real, existe fora do sujeito, fora de nossa consciência.

25 Essa citação sobre “a baleia sustenta a terra, e a terra sustenta a baleia”, é citada por Lênin em *Materialismo e Empiriocriticismo* a partir de Fichte (idealista alemão), que criticava a confusão idealista de Kant e dos kantianos. Vale ressaltar que Pêcheux, em *Semântica e Discurso*, também retoma essa citação para criticar o “absurdo” de tomar a “sensação/representação” do sujeito como fundamento da matéria. Cf. (PÊCHEUX, 1988a, p. 278).

É nessa compreensão que Lênin, baseado em Engels, reafirma que idealismo e materialismo são tomadas de posição em constante luta na filosofia e na política. Essa tomada de partido é abordada por Lênin ao demonstrar que, em filosofia, há sempre tomadas de posição ou pelo materialismo ou pelo idealismo. Portanto, os filósofos combatem uma ou outra perspectiva, como diz Lênin: “Marx e Engels foram em filosofia, do princípio ao fim, homens de partido; souberam descobrir os desvios do materialismo e as passagens para o idealismo e para o fideísmo em todas as tendências modernas” (LÊNINE, 1975, p. 305).

Para Lênin, não há como escapar de se estar numa ou noutra perspectiva filosófica; não há conciliação possível entre elas. Desse modo, é necessário sempre que haja uma tomada de partido, já que, nessas tendências filosóficas, também se inscrevem os interesses materiais e ideológicos das classes em luta que podem gerar obstáculos para o avanço da ciência e para a transformação social. Isso significa dizer que toda perspectiva filosófica está articulada à prática científica e, ao mesmo tempo, à prática política.

A nosso ver, a tomada de posição/partido pelo materialismo histórico e dialético é um ponto de fundamental importância na obra de Pêcheux. A partir de Lênin, podemos compreender que as questões científico-filosóficas têm a ver com a base material e ideológica de uma sociedade, ou seja, com as relações de produção e as forças produtivas de uma determinada formação social. Tomar posição pelo idealismo ou pelo materialismo tem consequências para o conhecimento científico e para a prática política, pois intervém tanto na reprodução do *status quo* como na luta por sua superação.

4. Uma tomada de posição pela práxis revolucionária

Quando se inicia a leitura do livro *Semântica e Discurso*, adentra-se primeiramente num debate sobre a Semântica como ponto nodal das contradições em Linguística. Para isso, Pêcheux questiona as evidências fundadoras da Semântica (lógica e retórica e suas bases filosóficas de cunho idealista que reproduzem as evidências de sujeito e sentido). Também enuncia questões sobre a crise imperialista, a crise do movimento comunista internacional e, sobretudo, as contradições da Revolução Russa de 1917 e os graves desvios stalinistas. É sob essas condições de produção que Pêcheux nos alerta que novas problemáticas eram colocadas sobre o Estado, o capitalismo, o socialismo, a burguesia, o proletariado, a ideologia e a ciência. Após essa discussão, Pêcheux afirma que na Semântica a produção de sentidos e a constituição dos sujeitos também eram postas em causa, viabilizando assim a necessária construção de uma Teoria materialista do discurso.

Em sua reflexão, Pêcheux se preocupa em fazer trabalhar as questões linguísticas, tomadas em suas contradições: a língua (enquanto sistema) em relação à história e aos sujeitos falantes. Sua análise, fundamentada na perspectiva do materialismo histórico-dialético, apresenta, de modo imbricado, as questões linguísticas articuladas à ideologia, à política e às lutas de classes, pois para ele existe uma base material e histórica dessas

contradições²⁶.

Em uma primeira síntese, ainda na introdução do livro *Semântica e Discurso*, Pêcheux aponta o alvo de sua reflexão, dizendo o que vai abordar e como vai trabalhar:

Examinaremos, enfim, que incidências esses elementos [Teoria materialista do discurso] podem ter, em sua especificidade, sobre as duas questões centrais para o marxismo-leninismo, a saber:

- a questão da produção dos conhecimentos científicos,
- a questão da prática política revolucionária do proletariado.

(PÊCHEUX, 1988a, p. 32 e 33).

Podemos observar nesse recorte que a produção de conhecimento científico e a prática política revolucionária do proletariado estão articuladas, a partir do marxismo-leninismo, como eixo fundamental da discussão no livro *Semântica e Discurso*. Essa reivindicação que busca tratar de questões que dizem respeito à ciência e à política tem implicações em toda a obra de Pêcheux e, certamente, também incide hoje no trabalho de todo/a pesquisador/a que se filia à Análise do Discurso na perspectiva materialista, exigindo de nós uma tomada de posição firme e consequente diante dos discursos produzidos na sociedade capitalista.

Ainda na introdução do *Semântica e Discurso*, Pêcheux traça o caminho de sua aventura²⁷ teórico-política: iniciar pela Linguística, entrelaçando uma crítica à Lógica e à Filosofia da linguagem, até construir a Teoria materialista do discurso, a partir da qual analisará os processos discursivos nas ciências e nas práticas políticas. Desse modo, afirma: “seremos levados a colocar em presença a Linguística e a Filosofia, a falar de Linguística em Filosofia e de Filosofia em Linguística” (PÊCHEUX, 1988a, p. 21).

O/a leitor/a seguramente concordará que não é sem dificuldades que lemos/estudamos *Semântica e Discurso*. Seus primeiros capítulos nos produzem certo embaraço. Isso se deve à complexidade da reflexão de Pêcheux, mas também a certo receio que temos diante da filosofia, da história e da política. Isto tem nos impedido de acompanhar e compreender mais detalhadamente o debate que ali se produzia. O percurso que Pêcheux realiza em sua obra exige do/a leitor/a um conhecimento amplo em filosofia, mas também requer uma análise crítica da conjuntura histórica e política na qual a obra foi produzida e, principalmente, um conhecimento aprofundado do marxismo e das contradições da formação social capitalista.

Em nosso estudo, constatamos que para realizar o percurso que vai da Linguística, passando pela Filosofia da linguagem até a Teoria mate-

26 Para pensar sobre a relação da língua com a história, recomendamos uma leitura atenta das pesquisas de Dominique Laporte e Renée Balibar sobre a língua francesa (nacional e fictícia), citadas por Pêcheux. Essas pesquisas explicam, com fundamento histórico, a contradição entre a uniformização da língua e o funcionamento das barreiras de classe na “comunicação”. Segundo Pêcheux, essa contradição revela os efeitos da dominação burguesa, pois tanto a uniformização da língua quanto as barreiras na “comunicação” foram/são necessárias à realização econômica, jurídico-política e ideológica das relações de produção capitalista. (PÊCHEUX, 1988a, p. 24).

27 Malidier se refere às pesquisas de Pêcheux como a “aventura teórica do discurso”. A palavra “aventura” é inspirada pela própria citação de Pêcheux que, ao retomar Althusser, diz que “uma ciência em estado nascente é uma aventura teórica”. Cf. Malidier (2003, p. 99).

rialista do discurso, Pêcheux se apoiará, especialmente, no livro de Lênin *Materialismo e Empiriocriticismo*. É a partir desse texto filosófico e político que questões cruciais do confronto entre idealismo e materialismo vão ser convocadas em *Semântica e Discurso*; fazendo-o pensar, problematizar, criticar, tomar posições e, sobretudo, avançar radicalmente em suas investigações e resultados sobre os processos discursivos que envolvem a prática científica e a prática política.

Da crítica que desenvolve sobre a Lógica e a Filosofia da linguagem como fundamentos da Linguística (principalmente na Semântica), Pêcheux problematiza as evidências de sentido e de sujeito, revelando que as tomadas de posição de determinadas tendências linguísticas têm sido pelo empirismo e pelo subjetivismo e, por isso, caem no idealismo. Como reconhece que se trata de uma questão que é, ao mesmo tempo, filosófica e política, Pêcheux busca qualificar sua reflexão a partir do texto de Lênin, pois este faz uma crítica à filosofia empiriocriticista (idealista, antidialética e reacionária).

Como vimos no item anterior, em *Materialismo e Empiriocriticismo* Lênin analisa a corrente filosófica que, parecendo avançar na teoria do conhecimento, tomava posição pelo idealismo, visto que assumia convicções subjetivistas no fazer científico. Isso tinha implicações na prática política, já que tendia à reprodução da sociedade burguesa. De modo semelhante, Pêcheux estabelece sua crítica e direciona o olhar a determinada postura epistemológica (empirista e abstrata) que, naquela época, dominava o fazer filosófico-científico da Linguística.

Segundo Pêcheux:

O empiriocriticismo – a filosofia espontânea dos físicos na época da “crise da Física” – ainda hoje não deixa de ter, como veremos, relação com a filosofia espontânea da Linguística: aí encontramos, da mesma forma, variantes, mesclas, combinações, às vezes extremamente engenhosas, de empirismo, de nominalismo, de pragmatismo e de criticismo, etc.; logo de *idealismo*. (PÊCHEUX, 1988a, p. 69).

Pêcheux está preocupado com a posição que a Linguística tomava diante da análise da produção de sentido e, também, como ela produzia explicações sobre o sujeito. Nessa ótica, a crítica é dirigida ao núcleo filosófico do idealismo no “subterrâneo da filosofia da linguagem enquanto filosofia espontânea da Linguística” (PÊCHEUX, 1988a, p. 72).

Esse núcleo filosófico do idealismo será apresentado, principalmente, a partir da crítica direcionada ao cartesianismo da lógica “universal” contida na gramática de Port-Royal, de Arnauld e Lancelot; à crítica as “ficções” racionalistas de Leibniz; e, também, à crítica à “distinção” entre expressões objetivas e expressões subjetivas, em Husserl. Pêcheux mostra, através dessas filosofias idealistas, como o sujeito é, primeiramente, concebido como subordinado à lógica (matemática-universal) e, em seguida, passa a ser considerado fonte/origem de si, do discurso e do sentido. Mostra também como a oposição entre necessidade e contingência é substituída pelo par objetivo/subjetivo, sendo a consciência tomada como a origem das representações, e a verdade científica tida como algo subjetivo, e não derivada da objetividade material.

A análise desse núcleo filosófico faz Pêcheux convocar Frege. Esse fi-

lósofo-matemático merece uma atenção especial, pois é fazendo uma leitura materialista de Frege que Pêcheux chega mais próximo de fenômenos “linguísticos” como as relativas (explicativas e/ou determinativas)²⁸ e direciona sua reflexão para o funcionamento do discurso e da ideologia. É por tomar uma posição antissubjetivista que Pêcheux ressalta que “as posições antipsicologistas do lógico Frege nos serão preciosas, até um certo ponto, que constitui, como veremos, o ‘ponto cego’ de seu idealismo” (PÊCHEUX, 1988a, p. 32)²⁹.

O antipsicologismo de Frege com sua postura materialista que toma a representação como sendo exterior ao sujeito, ou ainda, que separa o pensamento e o objeto do pensamento, traz pistas para Pêcheux de como se articulam língua e discurso e, sobretudo, revela que o discurso, por ser constituído por determinações históricas e ideológicas, é exterior ao sujeito.

Já se pode notar que Pêcheux, ao criticar a Linguística e sua base filosófica idealista, defende uma posição materialista capaz de compreender o discurso sem se deixar seduzir pelo encanto das teorias subjetivistas que produzem a ilusão do sujeito como fonte e origem do sentido.

Pêcheux, inspirado em Lênin, apresenta, com precisão, as teses fundamentais do materialismo:

- a) o mundo “exterior” material existe (objeto real, concreto-real);
- b) o conhecimento objetivo desse mundo é produzido no desenvolvimento histórico das disciplinas científicas (objeto de conhecimento, concreto de pensamento, conceito);
- c) o conhecimento objetivo é independente do sujeito.

(PÊCHEUX, 1988a, p. 74)

Essas teses fundamentam a reflexão e a tomada de posição pelo materialismo no livro “Semântica e Discurso”, pois consideram que o mundo exterior (real) existe independentemente do pensamento; é possível produzir um conhecimento objetivo desse mundo através das ciências historicamente constituídas no processo sócio-histórico. Esse conhecimento é produzido em condições determinadas (modalidades histórico-materiais) num processo que é independente do sujeito (empírico ou universal), já que esse conhecimento tende para a objetividade, em que o real determina as formas de existência do pensamento.

Vale ressaltar que o percurso que Pêcheux realiza em *Semântica e Discurso* não tem o intuito de dizer a seu leitor/a que a filosofia marxista-leninista oferece “justamente o que é preciso” à Linguística; tomar essa interpretação seria compreender mal o materialismo e, novamente, cair no idealismo:

O idealismo dessa concepção reside, ao mesmo tempo, num erro filosófico e político (a ideia de que a filosofia materialista pode fornecer – ou impor – a uma ciência seus

28 As aspas na expressão fenômenos “linguísticos” da oposição entre relativas explicativas e determinativas são do próprio Pêcheux que cita, como exemplo clássico, a frase “o homem que é racional é livre”. Segundo Pêcheux, as teorias linguísticas se deparam com dificuldades sobre essa oposição, pois se trata do efeito das dualidades: lógica e retórica, objeto e propriedade do objeto, necessidade e contingência, objetividade e subjetividade, filosofia e política. (PÊCHEUX, 1988a, p. 28).

29 Para maiores aprofundamentos, sugerimos o artigo *Pêcheux diante da lógica fregeana: apontamentos sobre a relação entre objetividade e subjetividade*. Cf. Silva Sobrinho (2018).

resultados; de certo modo, fazer o trabalho que cabe a essa ciência), e num erro teórico (considerar que a língua pertence à superestrutura ideológica de uma formação social). Nesse duplo sentido, pode-se dizer que era o idealismo, e não o materialismo, que “estava explorando” a Linguística, simulando – recalçando – essa mesma ciência. (PÊCHEUX, 1988a, p. 89).

Pêcheux busca, através da Filosofia materialista, abrir campos de questões na Linguística (em seus domínios, com seus objetos e em suas contradições) a partir da relação com os domínios e objetos da ciência das formações sociais (materialismo histórico) (PÊCHEUX, 1988a, p. 90). Esse entrelaçamento entre Linguística e materialismo histórico faz aparecer, na Análise do Discurso – a partir de então denominada Teoria materialista do discurso –, conceitos como os de ideologia, interpelação, história, relações de produção, luta de classes, condições de produção, modo de produção e formação social.

É preciso esclarecer que esse diálogo que Pêcheux estabelece com o materialismo histórico-dialético não advém apenas de Marx e Engels, de Althusser e de Lênin, mas também de outros autores marxistas que comparecem no livro *Semântica e Discurso*³⁰. É sobretudo pela leitura cuidadosa que Pêcheux faz dos textos de Althusser que os conceitos de Ideologia em geral, interpelação ideológica, forma-sujeito e Aparelhos ideológicos de Estado são trazidos para a Análise do Discurso. No entanto, a nosso ver, a compreensão e a tomada de posição materialista resultam mais diretamente dos estudos filosófico-científicos e da intervenção política de Lênin nos textos de Pêcheux.

Sua tomada de posição pelo materialismo torna-se mais visível quando afirma: “a objetividade científica é indissociável de uma tomada de posição materialista” (PÊCHEUX, 1988a, p. 197). É a partir dessa perspectiva que Pêcheux chega à problematização da prática científica como havia anunciado no começo de seu livro; esclarece que a produção de conhecimento científico se dá enquanto “o efeito (e a parte) de um processo histórico determinado, em última instância, pela própria produção econômica” (PÊCHEUX, 1988a, p. 190). Ou ainda, que a produção de conhecimento não está acima ou separada da história da luta de classes.

Ao discorrer sobre as condições da produção dos conhecimentos científicos como parte das condições de reprodução/transformação das relações de produção de uma dada sociedade, Pêcheux considera que as ciências da natureza são resultantes das novas organizações do processo de trabalho no modo de produção capitalista. Ou seja, tais ciências estão ligadas às ideologias práticas e às ideologias teóricas e, por isso, dialeticamente sofrem os efeitos da conjuntura histórica que, contraditoriamente, podem impor-lhes limitações e avanços.

É importante observar que, para tratar da produção do conhecimento, Pêcheux mobiliza as categorias construídas durante o percurso de sua reflexão na Teoria materialista do discurso, a saber: forma-sujeito do discurso, interpelação, formação discursiva, formação ideológica, interdiscurso, pré-construído, discurso-transverso. Convoca tais categorias para deta-

30 Outros importantes autores marxistas que comparecem no *Semântica e Discurso* são, por exemplo, Étienne Balibar, Pierre Macherey, Bernard Edelman, Saül Karsz.

lhar a ruptura epistemológica que faz surgir uma ciência com seus deslocamentos e mudanças de terreno. Ainda segundo Pêcheux, esse momento de ruptura é seguido por um processo de “desarranjo-rearranjo” da incessante luta entre materialismo e idealismo³¹.

Ao se referir mais especificamente ao marxismo-leninismo, Pêcheux considera que, diferentemente das ciências da natureza, há especificidades que transformam a relação entre a forma-sujeito do discurso e a prática política. Entende que a ciência da história (materialismo histórico) é realmente uma ciência, e como tal pratica um corte continuado, produzindo não apenas eventos teóricos, mas também políticos:

sua especificidade [da ciência da história, materialismo histórico] – sua “inovação” radical – se encontra no fato de que seu *objeto* (objeto da teoria e da prática dessa ciência) é, precisamente, *essa reprodução/transformação das relações da própria produção*, de modo que os interesses *teóricos* do materialismo histórico e os interesses *práticos* (políticos) do movimento operário são, a rigor, indissociáveis. Em outros termos, a prática teórica do materialismo histórico pressupõe e implica a prática política do proletariado, com o vínculo que as une: em suma, trata-se da formação histórica de uma *política científica*, contemporânea à formação histórica do movimento operário, e ligada, de seu interior, a um conhecimento científico da luta de classes. (PÊCHEUX, 1988a, p. 203).

Nessa direção em que se entrelaçam eventos teórico-políticos, Pêcheux faz referência à Revolução Russa para dizer do encontro do movimento operário com a teoria marxista. Trata-se de uma experimentação histórica que transformou o funcionamento da forma-sujeito através da prática política de tipo novo, “prática política não subjetiva de experimentação-transformação da história desenvolvida pelas massas por meio de suas organizações” (PÊCHEUX, 1988a, p. 207), cujo objetivo era transformar (revolucionar) o complexo dos Aparelhos ideológicos de Estado³².

Ao chegar às relações entre processos discursivos, ciência e política, Pêcheux direciona sua reflexão para a forma-sujeito do discurso e suas modalidades de apropriação subjetiva dos conhecimentos científicos e da prática política. Teoriza sobre as modalidades de identificação, contraidentificação e desidentificação³³. É sobre essa análise que Pêcheux reconhece, posteriormente, determinados problemas e, por isso, produz uma retificação, com o seguinte título: *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação*.

31 Para maior aprofundamento, conferir o texto *Os (des)arranjos das lutas entre posições idealistas e materialistas na Análise do Discurso*, de Silva Sobrinho (2018).

32 Aparelhos ideológicos do Estado são entendidos aqui a partir de Althusser (1985): religioso, escolar, familiar, jurídico, político, sindical, informação (imprensa, rádio, televisão etc.), cultural, esportes etc. Segundo Pêcheux (1988a, p. 145), “os aparelhos ideológicos de Estado constituem, simultânea e contraditoriamente, o lugar e as condições ideológicas da transformação das relações de produção (isto é, da revolução, no sentido marxista-leninista). De onde a expressão ‘reprodução/transformação’ que empregamos.”.

33 Para maiores reflexões, sugerimos a leitura do interessante artigo de Beck & Scherer (2008): *As modalidades discursivas de funcionamento subjetivo e o legado marxista-leninista*. O texto realiza uma leitura em paralelo entre as modalidades discursivas de funcionamento subjetivo e os conceitos leninistas de ideologia burguesa, ideologia espontânea e a doutrina científica socialista ou teoria-práxis revolucionária.

Nesse texto, publicado em 1982 como anexo 3 da versão em inglês do livro *Semântica e Discurso*, Pêcheux retifica questões importantes de sua obra. Afirma que na tentativa de articular Marxismo, Psicanálise e Linguística, uma “Tríplice Aliança”, algo falhava na teoria da Análise do Discurso, produzindo erros, desvios, equívocos e teoricismo. É precisamente sobre o sujeito da desidentificação o foco dessa autocrítica, pois reconhecia haver delineado o “fantasma” de um estranho sujeito materialista capaz de efetuar uma apropriação subjetiva da política e da ciência do proletariado e, por consequência, se desidentificar da prática política burguesa; numa sucessão teórica, assim descrita por Pêcheux: 1. Interpelação; 2. Apagamento/esquecimento; 3. Rememoração teórica e efeito prático de mudança.

No entanto, a nosso ver, Pêcheux ao reconhecer limites no livro *Semântica e Discurso*, não só retifica, como também, ratifica sua posição pelo materialismo histórico e dialético, mantendo a luta de classes e suas contradições históricas, a fundamentar a Teoria materialista do discurso. Pêcheux foi contra o fogo incinerador que queimaria tudo e não colocaria nada em seu lugar; por isso, produziu um trabalho permanentemente crítico sobre a própria Análise do Discurso em um longo processo de reelaboração teórica, prática analítica e posição política.

Feita essa ressalva sobre o trabalho retificador de Pêcheux, direcionamo-nos às conclusões de *Semântica e Discurso*. Nesse ponto de fecho do livro, o debate que realizou entre a Linguística e a Filosofia da linguagem é retomado numa síntese que ressalta como as questões linguísticas têm a ver com a filosofia e com a política. Ao mesmo tempo, volta a lembrar que o marxismo-leninismo não foi trazido à baila para fornecer a resolução das questões/problemas que dizem respeito à Linguística e à Filosofia da linguagem, mas sim para fazer trabalhar as contradições e possibilitar uma tomada de posição materialista em Linguística, especialmente no que diz respeito à Semântica.

Pêcheux assevera que, apesar do percurso realizado, ainda há riscos de se cair no idealismo; por isso, frisa que seu trajeto de reflexão esteve, sim, atento aos interesses teóricos e políticos do marxismo-leninismo; no entanto, “não se pode dizer que eles tenham sido realmente defendidos em um discurso que, ao falar de Marx, está na verdade” (PÊCHEUX, 1988a, p. 252). Nessa direção, Pêcheux explica que o materialismo histórico não deve ser um dogma ou uma imposição que enrijece a teoria e a prática.

Sua tomada de posição pelo materialismo se justifica pela posição diante da relação entre o real e o pensamento, e também pela necessidade de se levar em consideração as condições ideológicas de reprodução/trans formação das relações de produção nos processos discursivos, na ciência e na prática política, pois considera que tais fundamentos poderiam decisivamente contribuir para fazer avançar as pesquisas em Linguística.

A tomada de posição de Pêcheux pelo materialismo histórico é consequente, pois ele ensina que o materialismo não deve dar respostas antecipadamente às questões, como se tivesse todas as soluções para todos os problemas, porque isso seria dogmatismo. Pelo contrário, como foi visto, Pêcheux se propunha a abrir campos de questões na Linguística em diálogo com o materialismo histórico-dialético. Desse modo, esclarece:

Na verdade, não se fica nunca em dia com o materialismo histórico, ou com o materialismo dialético e, sobretudo, não se desembaraça deles –, apresentando-os *por antecipação*, isto é, colocando-os *antes* de se começar o trabalho: trabalha-se com. É o que temos procurado fazer aqui a propósito do núcleo vital da contradição linguística. (PÊCHEUX, 1988a, p. 254).

Esse “trabalhar com o materialismo histórico”, como dissemos, tem efeitos importantes sobre a prática teórico-política de todo/a analista de discurso. Mas é preciso perguntar: por que Pêcheux fez este percurso teórico tão complexo para alcançar as questões levantadas no início do livro *Semântica e Discurso* sobre a articulação entre os processos discursivos, a prática científica e a prática política?

Antes de tentar responder a essa indagação, voltemos nosso olhar às conclusões do livro *Semântica e Discurso*, pois Pêcheux apresenta, em forma de síntese, a tese materialista referente ao real e o pensamento (necessidade pensada)³⁴. Assim explica:

Começaremos por enunciar uma tese (filosófica) referente *ao real e à necessidade*; essa tese, que constitui, a rigor, a base de tudo o que adiantamos neste trabalho, pode ser enunciada como segue:

Tese 1: O real existe, necessariamente, independente do pensamento e fora dele, mas o pensamento depende, necessariamente, do real, isto é, não existe fora do real. (PÊCHEUX, 1988a, p 255).

A nosso ver, essa tese é o ponto mais fundamental da Teoria materialista do discurso que Pêcheux continuou a defender, “a base de tudo o que adiantamos neste trabalho”: a existência do primado do ser sobre o pensamento. Essa compreensão está em Lênin: “a existência do que é refletido independente daquilo que reflete (a existência do mundo exterior independente da consciência) é o princípio fundamental do materialismo” (LÊNINE, 1975, p. 108). Podemos acrescentar que a origem dessa compreensão materialista está em Marx, que diz: “O modo de produção da vida material condiciona o processo geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser que determina a sua consciência” (MARX, 1996, p. 52).

É, pois, através dessa importante tese materialista de como as condições materiais de produção da vida social determinam o pensamento que Pêcheux volta a articular, no final do seu livro, as questões do discurso e as categorias materialistas: forma-sujeito do discurso, interpelação, formações discursivas, formações ideológicas, interdiscurso e produção de sentidos.

Este primado do real sobre o pensamento como algo decisivo do método materialista-dialético pode ainda ser aprofundado nas seguintes palavras de nosso professor-filósofo-cientista-militante:

O primado do real sobre o pensamento não está ligado, de modo algum, a puras propriedades linguísticas, mas depende de um “exterior” bem diferente, que é o

conjunto dos efeitos, na “esfera da ideologia”, da luta de classes sob suas diversas formas: econômicas, políticas e ideológicas. (PÊCHEUX, 1988a, p. 258).

Tentando responder à questão que nos colocamos mais acima sobre o porquê do percurso tão complexo, podemos dizer que Pêcheux se preocupava com a problemática da produção do conhecimento (ciência, ideologia, sujeito, pensamento, real) e, principalmente, com a luta de classes e a prática revolucionária, ou seja, com a transformação social. Por isso, percorreu um caminho denso para sustentar sua posição materialista sobre a objetividade do conhecimento e a prática política do proletariado. Em seu empreendimento se deparou com o discurso, com os processos discursivos, pois “todo ‘conteúdo de pensamento’ existe na linguagem, sob a forma do discursivo” (PÊCHEUX, 1988a, p. 99). Diante desse encontro com o real, precisou compreender que o sujeito do discurso é constituído em condições materiais e ideológicas de reprodução/transformação³⁵ das relações de produção de uma formação social determinada. Ou seja, o sujeito não poderia ser entendido nos moldes idealistas como gênese de si mesmo, “dono” de seu dizer e “fonte” do sentido.

Ao tomar partido pelo materialismo histórico e dialético, compreendeu também que “todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes” (PÊCHEUX, 1988a, p. 92). Isto porque o discurso, enquanto prática política e como objeto científico, é historicamente determinado e não pode ser reduzido à língua enquanto sistema formal ou material empírico. Por isso, há que se analisar os sujeitos e seus discursos a partir das condições de produção, particularmente na contraditória relação entre língua, sujeito, ideologia e história. Segundo Pêcheux, é preciso fazer “uma análise materialista do efeito das relações de classes sobre o que se podem chamar as ‘práticas linguísticas’” (PÊCHEUX, 1988a, p. 24).

Podemos sintetizar, mesmo correndo o risco de ser reducionistas, que tomar partido pelo materialismo histórico-dialético em Análise do Discurso é: 1) compreender que o discurso, embora tenha sua legalidade, não é um ser autônomo, pois não tem vida própria – sua processualidade dialética se dá nas práticas materiais e ideológicas dos sujeitos – e não pode ser reduzido à materialidade empírica da língua; 2) compreender que o sujeito não é a origem do discurso nem a fonte de sentido, pois o discurso é constituído por múltiplas determinações da/na história; 3) compreender que o sentido possui caráter material, pois é produzido a partir das posições ideológicas resultantes dos processos sócio-históricos.

Contudo, há de se considerar, de modo consequente, que ao se assumir uma posição materialista, não se pode cair no mecanicismo, ou seja, tomar as determinações históricas do discurso e do sujeito como algo derivado (mecanicamente) da base econômica de uma formação social. É preciso considerar que a relação objetividade e subjetividade é sempre dialética e, sobretudo, é perpassada por mediações da linguagem e da ideologia.

Tomar partido pelo materialismo histórico-dialético é reconhecer que esse conhecimento teórico é também prático, pois se vincula a um projeto

35 Segundo Pêcheux (1988a, p. 144): “Ao falar de ‘reprodução/transformação’, estamos designando o caráter intrinsecamente contraditório de *todo modo de produção que se baseia numa divisão de classes, isto é, cujo ‘princípio’ é a luta de classes*”.

revolucionário de compreensão radical da sociedade burguesa, buscando a sua superação e tendo em vista que não há como aperfeiçoar o capitalismo e sua lógica destruidora.

Por tudo que refletimos, podemos dizer que Pêcheux, ao se inscrever nessa perspectiva filosófica e política, produziu, pela Teoria materialista do discurso, uma mudança de terreno nos estudos da linguagem. Estabeleceu uma perspectiva revolucionária em Linguística, particularmente no que diz respeito à Semântica.

Voltemos à citação evocada no início desta reflexão: “a língua sempre vai onde o dente dói”, pois compreendemos que ela fará mais sentido no final deste estudo. Pêcheux, depois de demonstrar a necessidade de uma tomada de posição materialista em Linguística e de como essa ciência é solicitada a trabalhar com questões tidas como “exteriores” a seu domínio (sentido, sujeito, história, ideologia), afirma, como uma espécie de alerta:

A Linguística não pode evitar o problema com um simples “eu não sou o que vocês estão pensando!”, isto é, reforçando as defesas de suas fronteiras. Se as solicitações em direção à Linguística incidem inevitavelmente sobre as questões que acabamos de levantar, isso não se dá, absolutamente, por acaso: “a língua sempre vai onde o dente dói”, diz Lênin, para expressar que o retorno incessante a uma questão que incomoda indica que há “alguma coisa por trás”, confirmando a não-resolução da questão. (PÊCHEUX, 1988, p. 87).

Deixaremos em aberto essa citação de Pêcheux para que o/a leitor/a deste artigo possa tirar as mesmas e/ou outras conclusões e, principalmente, possa ir, radicalmente, mais longe nessa aventura teórico-política.

5. Terminando: pelas tarefas urgentes

Com o estudo que desenvolvemos, podemos dizer da importância de rever os textos de Michel Pêcheux a partir de uma leitura mais aprofundada da perspectiva filosófica do materialismo histórico-dialético. Daí não poderemos desprezar a relevância de Lênin na Análise do Discurso de cunho materialista. Essa leitura é necessária não só porque Pêcheux o cita em seus textos, mas, principalmente, porque a atualidade histórica nos exige avançar na práxis teórico-metodológica e política como tarefa urgente diante da crise econômica, política, sanitária, ecológica e humanitária resultante da lógica capitalista.

Tomar partido pelo materialismo histórico-dialético é tomar como objetivo central a crítica à sociedade capitalista, buscando a sua superação. Essa perspectiva não pode ser abandonada em nossas pesquisas, pois nos deparamos em todos os âmbitos da vida com a lógica do capital, com a exploração do trabalho, com o absurdo do neoliberalismo, com a destruição da natureza, que colocam em risco a existência humana. Assim, regressar aos grandes clássicos do marxismo não é retroceder na teoria, mas tomá-los como fonte de inspiração para avançarmos rumo à análise radical das práticas históricas dos sujeitos e das impiedosas discursividades que nos golpeiam diariamente.

Esse percurso de Pêcheux que retomamos neste artigo nos exige, como analistas de discursos, tomar posição por uma necessária crítica à socie-

dade capitalista, a fim de chegar à raiz da sua lógica desumanizante, pois assim contribuiremos de modo eficaz para o avanço da Análise do Discurso e, sobretudo, para a transformação social.

Referências

AUTHIER-REVUZ. Heterogeneidade(s) enunciativas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas-SP, n. 19, jul.-dez. 1990, p. 25-42. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824>. Acesso em: 10 de jul. 2020.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BECK, Maurício & SCHERER, Amanda. As modalidades discursivas de funcionamento subjetivo e o legado marxista-leninista. **Letras**, n.37, p. 169-183, jul.-dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11986/7400>. Acesso em: 14 jul. 2020.

FERNANDES, Florestan. **Marx, Engels, Lenin: história em processo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

ORLANDI, Eni (Org.). **Análise de Discurso Michel Pêcheux: textos selecionados**. Campinas-SP: Pontes, 2011.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1988a.

PÊCHEUX, Michel. Só a causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: **Semântica e Discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998b.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas-SP: Pontes, 2002.

PIOVEZANI & SARGENTINI. **Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2011.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Campinas-SP: Pontes, 2003.

MARX, Karl. **Para crítica da Economia Política**. Coleção os pensadores. São Paulo: Nova cultural, 1996.

FREIRE JÚNIOR, Olival. A atualidade de Materialismo e Empiriocriticismo 75 anos depois de sua publicação. **Revista Princípios**, São Paulo, Editora Anita Garibaldi, n. 8, p. 41-45, maio, 1984. Disponível em: <http://revista-principios.com.br/artigos/8/cat/2115/a-atualidade-de-materialismo-e-em>

piriocriticismo-75-anos-depois-de-sua-publica%C3%A7ão-.html. Acesso em: 11 jun. 2020.

LÉNINE, Vladimir. **Materialismo e Empiriocriticismo**: novas críticas sobre uma filosofia reaccionária. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F. & HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1997.

SILVA SOBRINHO, Helson. Os (des)arranjos das lutas entre posições idealistas e materialistas na Análise do Discurso. In: BALDINI, Lauro; BARBOSA FILHO, Fábio. **Análise de discurso e materialismos**: prática política e materialidades. Vol. 2. Campinas-SP: Pontes, 2018.

SILVA SOBRINHO, Helson. Pêcheux diante da lógica fregeana: apontamentos sobre a relação entre objetividade e subjetividade. In: **Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos**. Campinas-SP, n. 42, p. 10-32, jul.-dez. 2018. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao42/edicao42.html>. Acesso em: 15 mar. 2020.

STERNINE, A. **Sobre a obra de V.L. Lênine**: materialismo e empiriocriticismo. Moscou: Edições Progresso, 1988.